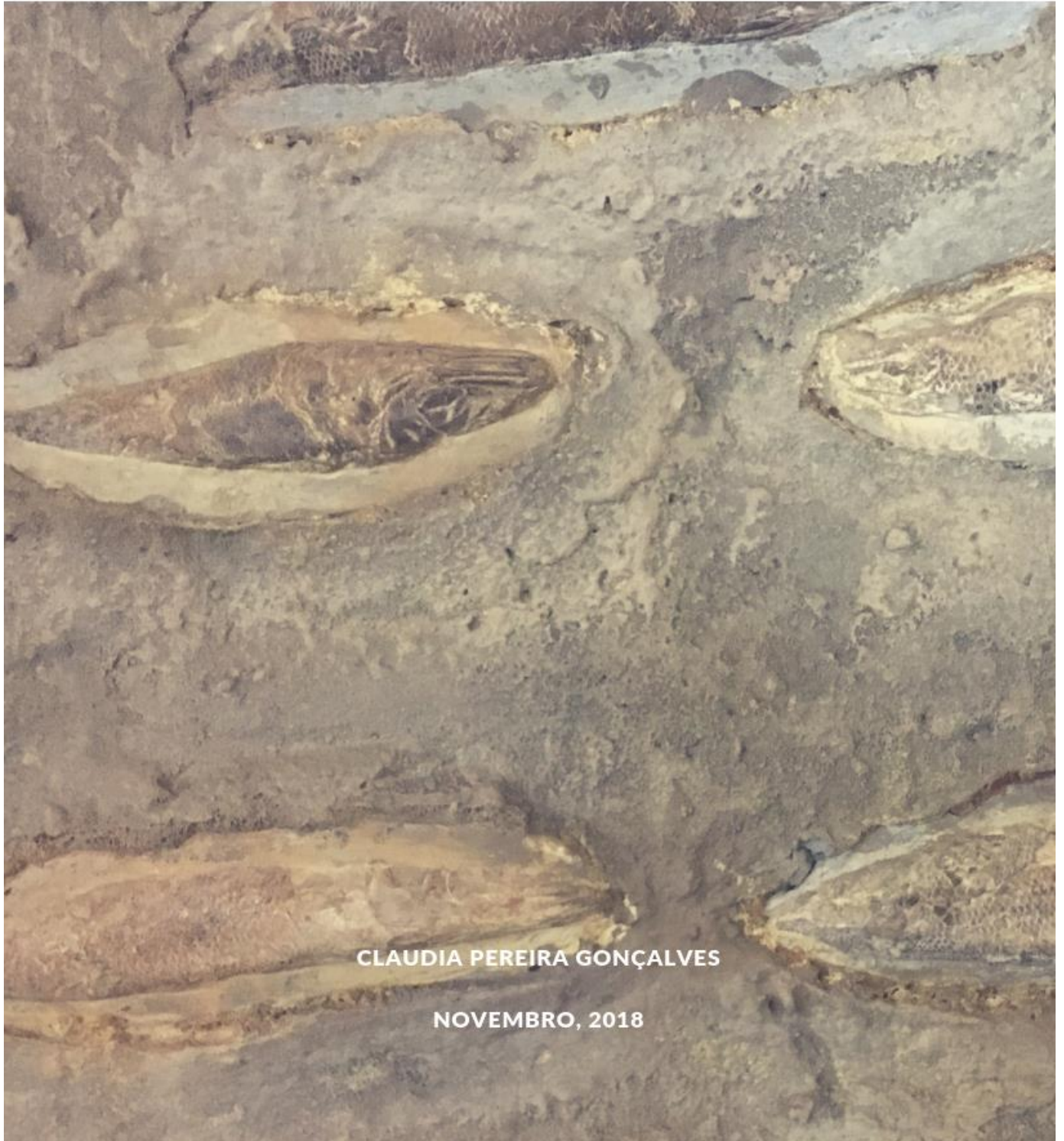


# CAMINHO ANCESTRAL



CLAUDIA PEREIRA GONÇALVES

NOVEMBRO, 2018

Trabalho de Conclusão da Pós-Graduação  
CAMINHADA COMO MÉTODO PARA A ARTE E EDUCAÇÃO  
Especialização Latu Sensu  
TURMA 1 – 2017/2018

## **Relato de Viajante**

# **CAMINHO ANCESTRAL**

Claudia Pereira Gonçalves

Idealização, Concepção e Coordenação  
Profª Dra. Honoris Causa Edith Derdyk

Direção geral d'A Casa Tombada  
Profª Dra. Ângela Castelo Branco Teixeira e  
Prof. Dr. Giuliano Tierno de Siqueira

**São Paulo**

**2018**



Para Cecília, Sérgio, Suely e Arthur (in memoriam)



*Somos carne y palabra  
silencio y angustia  
hambre y caos  
oscuridad y tiempo.*

*El amor nos toma una mano  
la muerte nos toma la otra,  
danzando con los ojos cerrados  
nos dirigimos hacia el misterio.*

- Teresa Castillo

## VIDA-MORTE-VIDA

Quando eu descobri que existia este curso, Caminhada como método para Arte e Educação, foi uma grata surpresa. Eu já havia lido uma reportagem na revista do SESC sobre a Edith Derdyk, uma artista paulistana que pesquisava o caminhar em suas concepções filosóficas, ancestrais, históricas dentre outras, mas principalmente como motor de criação artística.

Esta parte para mim era um tanto quanto misteriosa e, talvez por isso mesmo, instigante.

Porque eu intuía que a caminhada se fazia importante para mim desde sempre.

Com o prazer de dar uma volta para arejar.

Ou caminhar quilômetros para sentir meu corpo pulsar sua interação estar vivo.

Ou viajar e se perder e se encontrar.

Mas o que me orientou para me inscrever e escrever a carta para o processo seletivo foi o caminho do maternal, esta arrebatadora avalanche de vida e potência transformadora.

Como voltar a ser depois de me tornar mãe?

O que ainda interessa quando é preciso ser porto, mar e apoiar o navegar?

Ressignificar.

Compreender o movimento da vida, de constante transformação.

Vivi profundamente os dezoito meses de curso. Como se a vida estivesse me preparando para compreendê-la, a fundo, em sua complexidade e totalidade.

E terminei o curso com a perda de meu pai. Igualmente arrebatadora a morte me inundou, com espanto e, ao mesmo tempo, com sabedoria.

Agora, tendo vivido tudo o que vivi, percebi - é tudo continuamente caminhada.

Um passo por vez.

Vida-morte-vida.

## OLHO PARA TRÁS

Tento traduzir em palavras algo profundo, intuitivo.

Revisitando as anotações, registros e pensamentos, notei a presença das camadas como tema recorrente.

Camadas poéticas, de diversas formas.

Como se removendo aquilo que cobre, se revelasse aquilo que há de mais profundo, aquilo que já foi e passou, deixando um rastro da passagem do tempo.

Uma arqueologia daquilo que é efêmero.

O tempo agindo sobre a Terra, sobre a terra, sobre os seres.

Nós passando pelo tempo.

A maternidade que me conectou com todos os que vieram antes de mim.

A ancestralidade, as redes de mulheres, o sagrado e misterioso da vida.

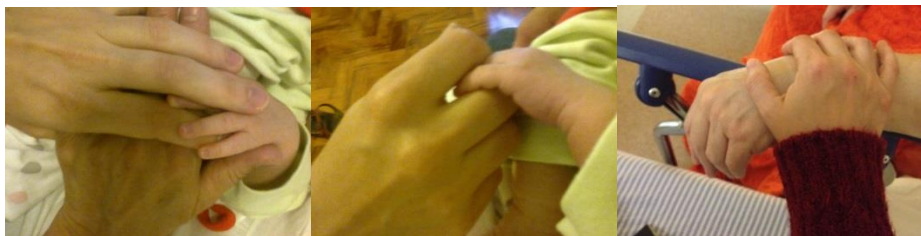
A morte de quem me trouxe à vida.

A impermanência.

O legado. O imaterial.

A reconexão.

O pertencimento a algo que é maior que a nossa existência.





*Fomos dilacerados desde o nascimento.  
Somos apenas corpos descansando nas sombras da vida*

– T. Hijikata

## VESTÍGIOS

Nesta escrita-parto, a memória me trouxe alguns conceitos que de certa forma me permeiam, seja no viver como no fazer.

Lembrei-me do Butô e de Takao Kusuno, com quem convivi por alguns poucos anos, por conta do trabalho do meu marido como integrante da Companhia Tamanduá de Dança-Teatro.

A convivência com Takao foi tão marcante e intensa que transformou minha forma de ver e entender a dança, o teatro e, conseqüentemente, a vida.

Tal como um mestre, não havia a separação vida e arte: um remendo de botão ou varrer as folhas do jardim eram tão importantes como horas de ensaio. Os conceitos eram passados de forma sutil, aberta, e, mesmo eu que não dançava diretamente, fazia parte de tudo. E estes conceitos se tornaram parte de mim, mesmo que eu não soubesse nomeá-los.

Quando ele morreu, herdamos uma pequena biblioteca de livros especiais. E hoje, quase 18 anos depois, reencontrei alguns que na época me chamaram a atenção e hoje servem perfeitamente para me auxiliar nesta escrita.

O primeiro que resgatei não veio da herança de Takao, mas como consequência de sua importância, a partir da pesquisa de Cristine Greiner sobre o butô (1998), dança que Takao trouxe ao Brasil nos anos 70.

No livro, a autora se propõe a codificar os elementos constituintes desta dança tão única e particular. O elemento mais importante, que perpassa a cultura japonesa é o conceito do *ma*. Segundo o antropólogo Edward T. Hall, o *ma* seria a fusão do espaço com o tempo, abrangendo nove tipos de experiência:

*Himorogi*: o lugar sagrado da origem das primeiras divindades pré-budistas e pré-xintoístas e o momento de sua criação.

*Hashi*: o espaço tempo entre duas coisas ou dois acontecimentos, suas bordas e seus intervalos.

*Yami*: o mundo das trevas, que conjuga a obscuridade com a transição da escuridão para a luz.

*Suki*: abertura

*Utsuroi*: processo de mudança

*Utsushimi*: a projeção do físico na realidade, sendo *Utsushimi ma* o espaço no qual a vida é vivida.

*Sabi*: imagens de um momento preciso.

*Susabi*: transgressão de regras, falta de harmonia, caos e desordem dos tempos modernos.

*Michiyuki*: as pausas e paradas das viagens.

Espantei-me ao ver as semelhanças com o caminhar, ao me deparar com tais experiências - o que por si só já é uma excepcional forma de descrever, como uma experiência!

Pois bem:

O lugar sagrado, Terra planeta universo (*Himorogi*) e o espaço e o tempo entre duas coisas ou dois acontecimentos (*hashi*), ou seja, a caminhada, nossa existência e busca pelo sagrado que nos habita e que nos constitui.

A necessidade de convívio com o *Yami*, enfrentar nossas dores, nossas sombras, pois também são transitórias e parte desta travessia.

Abertura para o processo de mudança (*Suki* e *Utsuroi*) e vivenciar este espaço da vida vivida (*Utsushimi*).

Registrar para capturar – nas memórias, nas retinas, nos cadernos de campo - o *Sabi*, momento preciso.

*Michiyuki* , pausas e paradas das viagens, para dar conta e distanciar-se, recuperar o fôlego, definir os menires.

Lidar e resistir, como *Susabi*: como eu, individualmente posso pensar no caos como potência da transformação?

Para então, finalmente voltar a alguma harmonia com o *Himorogi*, num ciclo infinito de idas e vindas.

Somente esta parte do livro – o prefácio – já serviria para a minha escrita, porém o livro se expande e traduz ainda mais o que eu queria dizer e conceituar.

Corpo (vivo/morto)

O corpo seria nossa primeira mídia, a mídia primária, por sua capacidade de gerar linguagens. Lembro-me de que havia muitas vezes este grifo nas minhas anotações, gerado pelas reflexões propostas pela Edith, *“Tudo passa pelo corpo”*. O corpo como mídia de si próprio, de sua cultura, a construção histórica gerada pelo próprio corpo, a instância primeira da inteligência, da vida.

Rebecca Solnit (2000), ao mencionar o fenomenologista Edmund Husserl, descreve o caminhar como a experiência na qual entendemos o nosso corpo em relação com o mundo. De acordo com ele, numa tradução livre, *“O corpo é a nossa experiência com aquilo que está sempre aqui, e o corpo em movimento experimenta a unidade de todas as suas partes como um “aqui” contínuo que se move em direção a vários “lá”s. Isso para dizer, é o corpo que se move, mas é o mundo que se transforma e que é como se distingue um do outro: viajar pode ser uma forma de ter a experiência desta continuidade do eu misturado ao fluxo do mundo e, conseqüentemente começar a entender cada um e seu relacionamento com cada um deles”*<sup>1</sup>

O corpo, como medida da relação entre tempo-espaço, como receptáculo do mistério e como aquele que, mediando a relação entre o indivíduo e o universo, permite a nós, seres temporais, ter uma experiência diversa com a temporalidade.

Frédéric Gros (2010), fala sobre três liberdades conquistadas - ou experimentadas, pelo ato de caminhar.

A primeira seria a liberdade suspensiva, quando há um desligamento da mente e conseguimos “nos livrar das ilusões do indispensável”, revemos aquilo que antes seria considerado importante. A liberdade se torna “ um bocado de pão, um gole de água fresca, uma paisagem aberta” – o essencial, um retorno aos prazeres simples.

A segunda liberdade se relaciona com o chamado do mundo selvagem, rompimento com o mundo lá fora, com a sociedade e com uma busca à reconexão com a natureza. “Ao andar, escapa-se à própria ideia de identidade, à tentação de ser alguém, ter um nome e uma história”. Neste tipo de liberdade, há também a alimentação da loucura e sonho, uma não-divisão da realidade, tudo pode ser. Pensamentos se concretizam em imagens e epifanias. Pode-se sentir criativo e capaz de tudo, ou não dar conta de tanta beleza ou incompreensão. “Reconquista-se a besta primitiva”.

---

<sup>1</sup> *The body is our experience of what is always here, and the body in motion experiences the unity of all its parts as the continuous “here” that moves toward and through various “theres”. That is to say, it is the body that moves, but the world that changes, which is how one distinguishes the one from another: travel can be a way to experience this continuity of self amid the flux of the world and thus to begin to understand each and their relationship to each other* (tradução minha).

A terceira liberdade, mais rara, seria a do *renunciante*. Gros cita o indianista Heinrich Zimmer, que traz as quatro etapas no caminho da vida como a duração de um dia:

Manhã. Meio-dia. Entardecer. Noite

A manhã da vida é a hora de receber, ser aluno, discípulo. Ao meio-dia, se é adulto, o dona-da-casa, aquele que se submete às obrigações sociais. Ao entardecer, os filhos estão prontos para assumir o controle, pode haver uma rejeição dos deveres sociais, e se faz o eremita, com a partida para a floresta.

Finalmente, à noite, vem o peregrino. Por meio do recolhimento e meditação, deve-se aprender a familiarizar-se com o que, desde sempre, permaneceu intato em nós e que espera ser, por nós mesmos, despertado: “esse Si mesmo eterno, que transcende as máscaras, funções, identidades, histórias”.

Nos ciclos de vida e morte – no meu caso na maternidade e na morte de meu pai - há este contato com o ancestral, com este “si mesmo” que nos habita e que nos une com todos os outros seres da Terra, sejam eles de quais reinos forem, mas especialmente, aos que vieram antes de nós e aos gêrmens daqueles que nos sucederão, numa cadeia infinita e ininterrupta de energia vital, ou o “coração do mundo”, como disse Frédéric Gros.

Ao trazer Nietzsche e o Eterno Retorno, Gros comenta sobre o círculo em que se transformam a vibração das presenças – da paisagem e do corpo do caminhante. Percebo o Eterno Retorno na maternidade e na morte, como meu corpo serviu de meio para as temporalidades, para a paisagem de minha vida, tão etérea quanto à de minha filha que chegava ou de meu pai que partia. Eu, estando viva, servindo como medida para o eterno e o imaterial.

A liberdade do renunciante traz um pensamento oriental, “tudo significando a própria intensidade da presença”, mais conectado com este estado de presença, de unidade com o todo, que nos leva de volta ao *butô* e ao conceito do *ma*.

Greiner (1998) situa historicamente o contexto que gerou diversos movimentos de vanguarda artística a partir de 1873, quando um grupo de especialistas japoneses de diversas áreas rumou ao Ocidente “para aprenderem tudo o que fosse possível para seguir um modelo criado a partir dessas investigações”. No retorno desta viagem, o material colhido foi publicado e serviu como base para uma série de reformas em diversas áreas, como ensino, política e economia. Como reação às reformas, um sentimento de inferioridade do Japão frente ao Ocidente veio à tona e a arte absorveu este sentimento.

Posteriormente, a americanização também gerou mudanças e angústias no povo japonês. O resgate de raízes profundas, por conta desta modernidade importada, por ter sido imposto como determinação política, vira então resistência.

O *butô* surge neste turbilhão de emoções, como “um soco no estômago”, como um modo de perceber e mapear estados de ser vivo, propondo um corpo morto.

Este corpo morto como sendo potência máxima de interação com três possibilidades:

- fora do estado de consciência,
- a transformação em outros seres vivos, menos complexos.
- o pós-morte, processos mais primitivos.

Seria uma preparação estética do corpo para a morte: a morte como fim de um processo estético, ou a compreensão de uma possibilidade de renascimento e também com o que não voltará jamais. O butô seria, portanto, uma linguagem artística que colocaria o processo acima do gesto, ou seja, o caminho como fim...

Hijikata, precursor do butô, trabalhava com os limites borrados entre literatura, fotografia e dança (palavras, imagens e corpo). O butô acontece em trânsito – ou seja, no caminho...

A relação entre o butô e a forma de encarar, lidar com o trinômio, vida-morte-vida, para mim, está na compreensão do caminho como o presente, com aquilo que realmente é e está. E a única materialidade é a incerteza, o involuntário e o não controle.

Quando caminho, entro em contato com este corpo vivo-morto, que está em trânsito, mas ao mesmo tempo é presente. Sinto o vazio, da mente, do corpo em estado autônomo. Os pensamentos que vêm e vão, tal como ideogramas que pressupõem um vazio. Torno-me, então universal, na minha caminhada-dança sobre a terra, sou *beshimi*, uma dançarina todo-homem, toda-mulher, aspiro ao universal, ou melhor, me torno universal, ao sentir sob os pés a energia-restos dos ancestrais e dos que virão depois de mim.



*“Não existem inícios e não existem fins. O universo é um processo e o processo está em mim. Quando eu o obstruo ou ignoro, encontro-me em dificuldades. Quando fluo com ele, algo ocorre” (Huang, 1979).*

Eu passo pela vida, dançando butô.





*“O corpo é suportado por algo invisível. Butô é sobre capturar os espíritos no intervalo ma.  
Ele está fora do tempo”  
- Akaji Maro*

*Tornar-se presente, estar próximo de sua experiência (STEVENS, 1978)*



*“O artista não é capaz de tudo, nem a expressão é capaz de tudo. Expressão é sempre pressionado a fazer julgamentos alternativos. Expressão ou ação? A ação do amor, agora – sem ação o homem não pode amar. Então ele a expressa depois. O problema verdadeiramente importante, no entanto, é a coisa na qual expressão e ação poderia ser simultaneamente possíveis. Disto, o homem só conhece um exemplo. Que é a morte.”*  
(MISHIMA, 1991)

Meu pai lutou silenciosamente ao tentar compreender a necessidade de ultrapassar a barreira de tempo que estamos acostumados a lidar – o tempo cronológico do relógio – para enfrentar o mistério do tempo das células.

*Que horas são?* - ele perguntava, em intervalos cada vez menores.

O tempo. O relógio não dava conta de mensurar as organelas, as partículas, que aos poucos iam se desligando e criando morte no corpo vivo. Esta espera é angustiante, para quem a vive diretamente, mas também para os que acompanham a dor do não-controle.

Greiner (1998) fala que *“para alguns críticos e artistas, o cérebro é quem manda no corpo, mas o próprio corpo manda em si mesmo, sem especificar as situações e os modos como isso ocorre, escapa-se, de novo, do entendimento do corpo e cérebro num continuum, buscando-se a soberania de um sobre o outro”*.

19:40 do dia 21 de julho de 2018 a espera acaba. O corpo sucumbe ao colapso das células e a vida se esvai.

Segundo comentário de Hawking (1996), sobre a experiência de Schrodinger, no mundo quântico os estados vivo e morto convivem. Pensar neste mundo conforta e liberta, pois, no mundo microscópico, invisível, há outras regras, diferentes das que observamos.

A caminhada também me reconecta com esta percepção de infinito. As partículas de meu pai (cinzas) agora são terra, seiva, árvores, água no Jardim Botânico de São Paulo.

Que experiência intensa segurar as cinzas nas mãos. Observá-las e cheirá-las. Passar sobre a pele. Corpo vivo. Corpo morto. A insipiente fronteira. Deixar de ser algo ou alguém e renascer como outra coisa, ou outra pessoa.



*O que interessa nesse momento é que só o corpo morto parece capaz de trabalhar neste registro, habitando o lugar/não-lugar chamado, pelos japoneses, de ma. (GREINER, 1998)*





*Um corpo jamais será o mesmo após ter experimentado a morte, seja a morte de alguém ou a sua própria (enfrentando a perda do controle, deixando o corpo falar por si mesmo, despejando o que já sabe nos pensamentos que reconfiguram os mapas cerebrais. (GREINER, 1988)*



Mãe. Avó. Bisavó...

Progressão geométrica.

Camadas de história antes de mim, que depois continuarão.

A terra que recebe os restos de todos, transforma e ressignifica.

Mãe-Terra.

Como voltar a ser depois de me tornar mãe?

O que ainda interessa quando é preciso ser porto, mar e apoiar o navegar?

O mito de Caim e Abel, o desejo de evasão e refúgio, este movimento de expansão e recolhimento.

Maternar é lidar com este pulso: acolher e instrumentalizar a cria, para permitir que ela siga seus próprios passos, tome suas próprias decisões, tropece e seja capaz de levantar e prosseguir.

Levando consigo o germe do tempo infindo, da eternidade.

## OLHO PARA ONDE ESTOU

Meu pai sempre procurou compreender o que era este curso, sem sucesso. Eu explicava, explicava, mas não havia sentido, ainda que ele tentasse, desse muitas chances.

Ele ria, comentava. *Definitivamente, você é uma artista, minha filha. Pelo seu modo de ver o mundo*, ele dizia.

Em sua estada no hospital, conversávamos madrugadas adentro. E, mais uma vez, ele tentou, talvez intuindo que sua passagem estava próxima. Compreendeu uma poesia e se emocionou, como se uma porta se abrisse para um mundo novo.

Ainda assim, disse:

*Não entendo o caminho.*

*Não me relaciono com ele.*

Não sei se foi antes da poesia, ou depois. E isso não importa mais.

Tive clareza de que este era meu trabalho.

Explicar pra ele.

Como se tudo que eu havia vivido até ali fosse uma preparação para esta explicação. Traduzir poeticamente um modo particular de ver o mundo para alguém que já não é, mas está em mim. E na minha filha. E em todos os que vieram antes de nós e os que virão depois.

Um vídeo-carta desta conversa, desta troca.

*“ No diálogo real, não há rocha ou rio, como em Kojiki, ou seja, nada de material que separe os interlocutores. Mas este nada não é o vazio, mas qualquer coisa de virtual e de potencial. Esta virtualidade e esta potencialidade fazem a distância se tornar um espaço de diálogo” - HACHIMOTO (1993)*

Seguimos conversando.

*Não entendo o caminho.  
Não me relaciono com ele.*

Como te explicar, agora que você já passou pelo tempo, como se relacionar com essa tal caminhada maravilhosa e bela da vida?

Não sei bem, mas vou tentar.

Acho que tudo começa com o nascimento.  
De uma pessoa, de uma ideia, de uma emoção.  
E aí vamos em busca de estarmos presentes neste movimento de criação  
Da pessoa, da ideia, da emoção.

Ou quando as desordens são tamanhas, que é preciso seguir os instintos e prosseguir.

## Maternidade/Primigesta

Talvez seja melhor abrir um parênteses na história da caminhada para falar sobre esta arrebatadora experiência da maternidade.

Você sabe, pai, que eu sempre quis ter um filho.

E que a vida me aprontou uma cilada, aos quinze anos.

E eu tive de enfrentar imatura o binômio vida-morte - ou seria trinômio vida-morte-vida?

Esta experiência me marcou, tão profundamente que foi preciso sangrar bastante para depois começar a cicatrizar. O fantasma-desejo, pulsão vida e morte, como Freud disse, me rodeou - e ainda rodeia - desde então.

Quando finalmente decidimos que a vida de artista de teatro não seria nem mais fácil ou mais difícil do que estava sendo nos últimos anos, resolvemos ter um filho.

Eu havia passado um mês em São Francisco. A primeira viagem sozinha, para fora do país. Adulta, madura.

Logo depois que voltei, começamos o projeto-bebê.

A gravidez veio tranquila, sem maiores intercorrências físicas, além do medo do desconhecido e o medo da potência do corpo. Vou conseguir levar até o final, desta vez que escolhi? Meu corpo-mente-coração dá conta de encarar o parto natural, assumindo riscos?

*(...) o correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.*

João Guimarães Rosa, 1956

E começou de novo a revolução do viver.

Com o nascimento da Cecília - aquela que me ensina a ver - lidei com a transformação mais profunda, mais transcendente que poderia imaginar.

Um mergulho cego no desconhecido, que colocou em cheque todas as minhas convicções até então, e revelou o que há de mais puro no ser humano, puro no sentido de essencial e instintivo.

Tive medo, mas tive força.

Uma força descomunal que não conhecia.

Uma força primal de defesa e subsistência.

Ninguém me reconhecia.

Temiam pelo meu estado emocional - ela, tão sensível, frágil emocionalmente, depressiva. Algo está errado.

Mas não estava.

Eu estava entendendo.

Às custas do sono e do cansaço, nunca havia tido tanta clareza e entendimento.

E eu me reconectei com todos e todas que vieram antes de mim.

Porque eu via nas feições da Cecília, todos que me compuseram e todos que compuseram o pai dela.

E entendi a importância da rede das mulheres, do sagrado feminino, do sagrado e misterioso da vida.

O universo ao redor de mim, dentro de mim e além de mim.



--

Não foi nada como eu havia imaginado: o parto, a amamentação, a parceria...

Nascia junto da Cecília a mulher em sua potência mais instintiva.

Força e delicadeza juntas madrugada adentro.

Rompendo os paradigmas de muitas vidas

Ressignificando os gestos mais simples da existência.

Te entendi, pois te via.

Como se te embalasse.

E juntos vinham meus avós, meus tataravós.

Todos os de antes

Tornando a ser.

--

Cecília chegou, quentinha e macia.  
Soltando fumaça.  
Segurou minha mão, forte.  
Indicando os caminhos – era o dedo indicador.

Era tudo borrado, sentimento pensamento.  
Como se o tempo estivesse suspenso  
E eu olhasse a vida com alguma distância.

E devagar a vida foi se mostrando.  
Sem controle.  
Com sua própria ordem e desejo.  
Colocando em xeque o que havia antes, relativizando as certezas móveis  
E criando estruturas a partir de lugares desconhecidos.





## DEPOIS

Ontem fui para minha adolescência  
E te vi, gentil, ao meu lado.  
Mais do que sabia  
Mais do que lembrava.  
E o oco gritou alto.  
Você existiu?  
Até quando sua presença ausente se permanecerá?  
Como te manter vivo?

--

O Angelo fechou.  
Em julho.  
Assim como o Gigetto e tantos  
outros.  
É o fim de uma era.  
Os menires que testemunharam/representaram sua existência  
Também se vão, levados por você.  
Só me resta o que carrego.

--

Como quando eu vejo (via)  
que você ainda guarda (guardava)  
meus desenhos-presentes-memórias  
de antes (de sempre)

--

Sonhei que estava grávida.  
O feto estava imóvel  
Até que se mexeu.  
E era meu pai  
Velho-novo  
Renascendo em mim.

--

Há um mês  
tenho um relógio no bolso  
que me lembra  
que há um mês  
eu tento me mover  
para que assim ele  
continue em movimento



--

Todos os dias  
Eu sinto sua falta  
Relembro teus dias  
E te vejo, incrédula.  
Amanhã faz 29 dias.  
Tento vazio que nem cabe...  
As dúvidas que tenho...  
O que queria compartilhar com você...  
Sua voz. Seu gesto. Seu pensamento.  
Você habita meu corpo agora.  
Mas te queria presente  
Ainda nego tua partida.  
Ainda sinto que você só está fora e logo volta.  
Me acorda desse pesadelo?

Me vejo criança olhando o céu  
e procurando tua estrela.  
E mandando beijos e amor.  
E contando do meu dia.  
Às vezes te ouço, mas na maior  
parte é silêncio e solidão.

Como pode doer tanto?  
Como pode ser assim a vida-morte-vida?

Onde estão minhas raízes?  
Onde estão os que me compõem?  
O que ficou e o que permanecerá?

Nesta minha caminhada, você retorna ao estado primal, dentro de uma cadeia orgânica e maior do que tua existência, mas também com um anonimato que parece injusto ao que você foi.

Mas eu quero crer que você seja maior aqui, pertencente ao mistério da vida em sua luz, em sua capacidade geradora.

Sinto pena de tudo que você não verá.

Mas um lado meu pensa que nada faz sentido então ver pra quê?

Tua presença se dá de outras formas. Mas eu queria tua forma.

Que saudades, Pipo...  
Que saudades de você...

Procuro teu relógio, que precisa de mim pra existir.

Enquanto ele estiver em movimento é como se você estivesse vivo.

E eterno.

Sinto uma certa paz em saber que se eu me for, estarei com você.

Mas sofro pelos que ficam, porque dói imensamente.

E eu não quero que passem por essa dor, essa ausência.

Sinto por não ter conseguido ser melhor.

Sempre quis que você tivesse orgulho de mim, do que me tornei,  
das escolhas que fiz.

Espero continuar trilhando um caminho que te orgulhasse - ou te orgulharia, como é que se  
fala?

Essa ausência também dói...

do conselho, da aula, da opinião, da recomendação, das histórias, das músicas...

Desculpe, Pipo...

Sinto muito por você ter ido...

--

Porta automática abre e fecha  
vazia à espera à espreita  
quem entra quem sai?  
quem vem quem vai?  
Espera. Ritmo. Vento.  
Pressente a presença e responde  
O vazio.  
O corpo.  
O etéreo.  
O imaterial.

## DURANTE

Tantas coisas passam pela minha cabeça nestas noites sem dormir em vigília no hospital.

Medo da duração de tudo.

Medo de pirar

Medo de perder a saúde

Medo das escolhas de meu pai

Whose life is it anyway? Ele diz já pela terceira noite.

Há um plano ou desejo desesperado?

Como ficamos nisso?

O que podemos fazer?



--

O amanhã nunca vem é sempre hoje.

--

Chão de cores

Azuis brancas

E outras pretas que significavam a passagem

Medo

Reflexão e escolha

Pela cor

Pela vida

HAIKAIS DE HOSPITAL

Pela Paulista  
Pizza Hut e Sprite  
Nham Nham!

--



--

O melhor da festa, disse sorrindo,  
ao receber a massagem nos pés.

--







Não entendo o caminho  
Não me relaciono com  
ele.

Mas quando a poesia  
se instaura  
A gente se encontra  
Nessas esquinas  
De paralelepípedos  
De terra batida.

E Sol ilumina  
Nossas peles  
De antes.

E nos reconhecemos  
Em pequenez e  
Em grandeza  
Em gestos  
Em pequenos detalhes  
Desapercebidos  
Num olhar  
Ou numa pele de  
cutícula

Sem barreiras  
Se é e se está  
Inteiro.

Todo

Tudo

Eu sou nós

Nesta espiral de  
tempo.

## PULSO

Caminho pela cidade,  
sozinha e em boa companhia.

A cada esquina, a cada passo, a cada respiro  
Revelou-se mais de mim  
E de como me insiro no todo.  
Pertencimento  
Responsabilidade

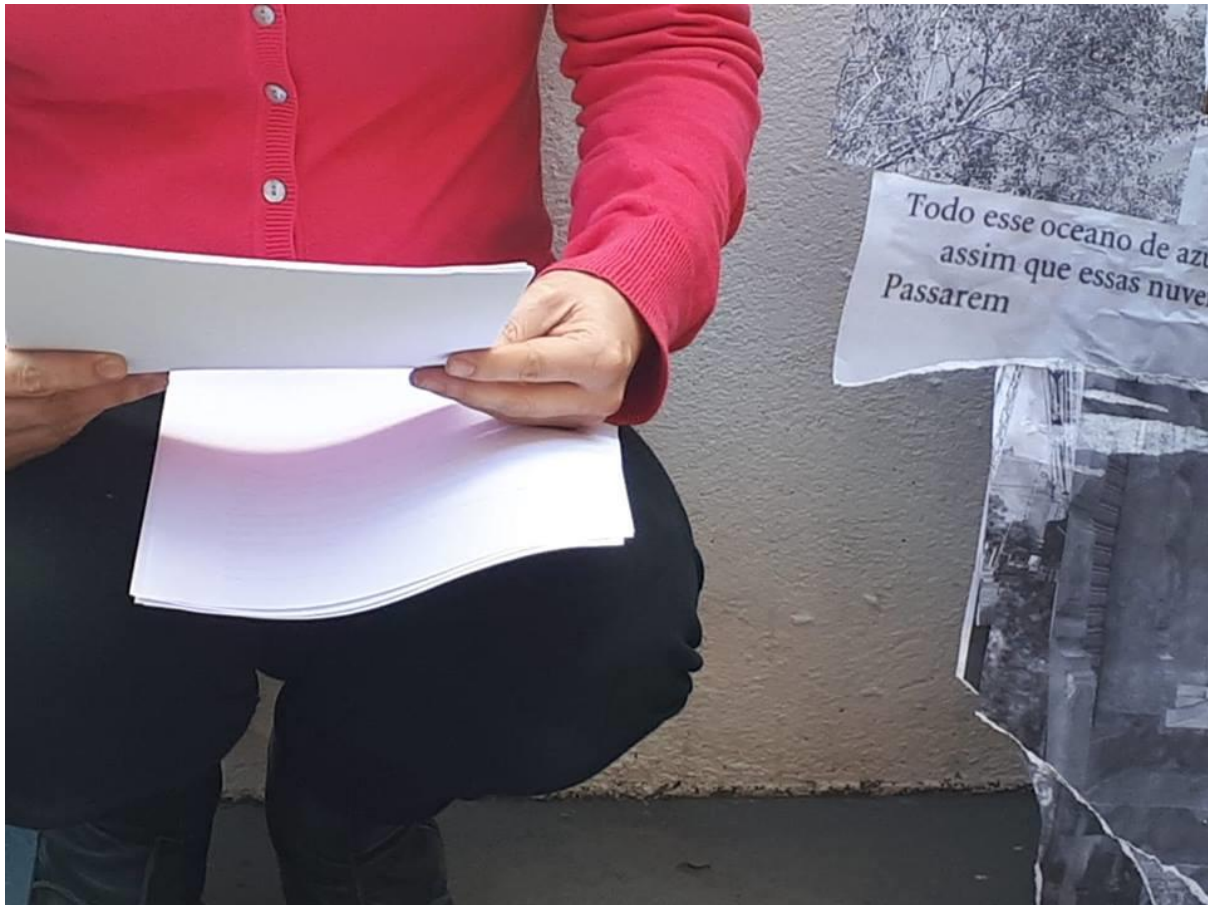
Lugares desconhecidos  
Em outros modos de ver estar  
Me mostram novas possibilidades

Palavras ditas escritas imagens performances

Propostas poéticas se abrem.

(agradecimento a Renato Hofer pelas travessias)





## SEGUIMOS

Eu não sabia muito o por quê algo me atraía na proposta do curso .

Mas intuía que tinha relação com minha trajetória de vida e o quanto as experiências me marcavam e me transformavam através do tempo, especialmente a maternidade .

Criar .

Um filho. Ideia . Projeto.

O curso me abriu os olhos ainda mais, além dos poros.

Percebi pela pele, pela sola dos pés

A energia que retiro da terra

A marca temporária e efêmera que deixo na terra

A leveza e o peso da existência na terra

O caminhar sobre a terra , sob a terra.

Entendi que muitas pessoas pensaram também sobre isso



Escreveram sobre isso

Sobre a conexão

Sobre o que nos compõe

Entendi que faço parte de algo maior

Que é vivo e independe de mim

Mas que torna minha existência um fato único, ainda que banal e aleatório.

Que passar pela vida e estar presente nela

É o grande desafio.

Compreender que tudo é transitório, incontrolável, *this too shall pass*

Uma clareza sobre o que nos faz humanos - no bom sentido

Sê humanista !

Dividir compartilhar igualdade potência mistério

É química , é física , é literatura

É arte , corpo e voz

Traduzir o que é indecifrável .

Tentativas

E alguns prazeres de processo.

*Todo esse oceano de azul  
Assim que essas nuvens  
Passarem*

- *Jack Kerouac*





*Corroendo  
As grandes escadas  
Da minha alma.  
Água. Como te chamas?  
Tempo.*

*Vivida antes  
Revestida de laca  
Minha alma tosca  
Se desfazendo.  
Como te chamas?  
Tempo.*

*Águas correndo  
Caras, coração  
Todas as cordas do sentimento.  
Como te chamas?  
Tempo.*

*Irreconhecível  
Me procuro lenta  
Nos teus escuros.  
Como te chamas, breu?  
Tempo.*

*- Hilda Hilst*

## BIBLIOGRAFIA:

CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: G.Gili, 2013. 188p.

COVERLEY, Merlin. *A arte de caminhar: o escritor como caminhante*. São Paulo: Martins Fontes, 2015. 224p.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. 575p.

GREINER, Christine. *Butô, pensamento em evolução*. São Paulo: Escrituras, 1998. 135p.

GROS, Frédéric. *Caminhar, uma filosofia*. São Paulo: É Realizações, 2010. 222p.

HILST, Hilda *Da morte. Odes Mínimas*. São Paulo: Globo, 2003. 106p.

HUANG, Ai Chung-liang *Expansão e Recolhimento: a essência do T'ai Chi*. São Paulo: Summus Editorial, 1979. 245p.

KEROUAC, Jack *Livro de Haikais*. Porto Alegre: L&PM, 2013.

SOLNIT, Rebecca. *Wanderlust: A History of Walking*. New York: Penguin Books, 2000. 326p.

STEVENS, John O. *Tornar-se presente: experimentos de crescimento em gestalt-terapia* São Paulo: Summus Editorial, 1976. 343p.

Todas as imagens são de minha autoria, exceto na página Pulso, de Chetna ,e na página Seguimos, de Juliana Carnasciali.

